

TIRAMONTI, Guillermina (Org.). *La trama de la desigualdad educativa: mutaciones recientes en la escuela media*. Buenos Aires: Manantial, 2004.

A partir de uma pesquisa realizada em escolas da grande Buenos Aires, Guillermina Tiramonti, organiza uma obra intitulada **La trama de la desigualdad educativa: mutaciones recientes en la escuela media**. Uma obra rica e complexa, que analisa minuciosamente e com profundidade, as mudanças ocorridas nas escolas de Buenos Aires. Mesmo em se tratando de investigação sobre as escolas argentinas, a análise feita pela autora tem pontos de contato com a realidade brasileira, dado que as mudanças sofridas pelos jovens e pelos sistemas de ensino também se fazem notar por aqui.

Tiramonti inicia refletindo sobre os conceitos de “*sociedad de red*,” “*modernidad reflexiva*”, “*sociedad de riesgo*”, “*sociedad mundial*”. Estes conceitos são importantes, pois ajudam a compreender a elaboração do pensamento delineado pela autora ao longo de sua

obra. Todos estes conceitos refletem uma “*reestructuración de las relaciones sociales y de los marcos regulatorios de la acción de individuos e instituciones*” (p. 15). Antes, a sociedade baseava-se num modelo, cujas diretrizes de integração social eram definidas pelo estado.

Com a globalização esta matriz societal se desfez, entrando uma presença muito forte do mercado e da competição na definição da nova ordem social. Ou seja, perdeu-se o sistema de referência e provoca o declínio da “*idéia de sociedade*” (p.19). Com isto, tam-

bém a escola perdeu sua potencialidade de instituidora de identidades e de promotora de cidadania. As aspirações de ascensão social foram processadas por meio da oferta escolar estatal.

A nova situação de pobreza, a exclusão social reflete a fragmentação da sociedade. A fragmentação social está

Liceros Alves dos Reis

Pedagogo, com habilitação em Orientação Educacional pela UNIPAR–Toledo/PR, atua como coordenador pedagógico do Centro Educacional La Salle de Brasília

Aluno do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Católica de Brasília – 2005

associada ao declínio salarial. Hoje, a questão do emprego não responde mais às aspirações das pessoas que buscam uma vida melhor. Ao cair a sociedade salarial, caíram também as marcas normativas da sociedade. Afinal, a relação trabalhista impunha padrões de comportamentos, fazendo com que os empregados se sentissem afiliados a uma instituição. Isto provoca uma postura do indivíduo como ator e como sujeito de suas ações, vivendo num clima de incertezas e de busca das mesmas. Assintimos “*al paso de la sociedad disciplinar a la sociedad del control*” (p. 25). Na sociedade de controle, o poder se exerce através dos sistemas de comunicação e de redes de informação.

A escola média é um espaço de socialização e de manutenção do poder já constituído das famílias, onde deve estar presente uma sólida preparação dos alunos para a universidade, prezando muito mais a aquisição de um capital intelectual que os mantenha no poder que uma valorização do conhecimento e desenvolvimento intelectual. Algumas escolas optam pela tradição religiosa e outras, pela ética e cidadania. Diante das incertezas atuais, da perda de sentido, a crença dos pais é que as instituições de ensino sejam transmissoras de valores e de normas sociais.

Mas há uma crise de desinstitucionalização que afeta as famílias e as escolas. As famílias passam sua responsabilidade para as escolas. Assim, as escolas que têm como prioridade a

manutenção do status social, têm uma disciplina educativa muito rígida, com vigilância permanente de seus alunos. Por outro lado, os professores sofrem com os desvios de conduta e a indisciplina dos alunos. A perda do sentido de hierarquia faz com que a aprendizagem se torne mais difícil. Há uma tentativa de recuperar para a escola uma função reguladora de comportamentos que parecia longe de si. Com isto, as escolas se constituem com novas estratégias, como conselhos de disciplina, pactos com os alunos sobre comportamentos, entre outras.

A autora assinala que há duas linhas que diferenciam as fronteiras entre os diferentes fragmentos: o tipo de trabalho a que se aspira e a forma que os alunos se articulam no espaço globalizado. Pois, ao se considerar a busca do trabalho, se há que ter presente que para muitos, ele é visto como sentido de realização pessoal e para outros, como simplesmente meio de sobrevivência. Para os alunos da classe média mais elevada, muitas são as possibilidades de realização pessoal, bem como de aspiração ao poder. Para isto, se investem nos estudos além do país, alargando as próprias fronteiras e o capital intelectual. A ênfase educativa das escolas particulares se dá nos projetos mais individualizados em detrimento dos coletivos. Para os que estudam em escolas particulares é possível esperar um futuro mais promissor. Para os pobres, o futuro está amarrado à sorte do próprio país e às políticas nacionais: “*Serán lo que el país les prepare*” (p.42).

No segundo capítulo da obra, Nancy Montes faz uma análise sobre o contexto em quem vivem adolescentes e jovens e seus marcos referenciais. Como se dão estas relações com a família e, no sentido mais amplo, com os outros? Destaque importante para esse capítulo é o que diz respeito à análise sobre a questão do trabalho de adolescentes e jovens e suas implicações no processo de ensino-aprendizagem desses alunos. A entrada dos jovens no ensino superior ou no mercado de trabalho representa em ambos os casos uma *“asunción de responsabilidades de los adultos”* (p. 55). Nem sempre os jovens seguem uma trajetória ideal. Com relação à família, os jovens têm uma perspectiva mais horizontal que vertical, vivendo uma *“democratización de las relaciones en el interior de las familias a partir de los ochenta”* (p. 61). Observação significativa é a de que, a partir de uma pesquisa feita em 1999, se percebe que *“los padres abandonan (o pierden a fuerza de las circunstancias) el ‘histórico ícono parental e se evalúan a si mismos como padres inadecuados o desorientados”* (p. 65).

Sandra Ziegler, autora do terceiro capítulo, descreve com maestria o processo de escolarização das elites, enfocando a socialização dos jovens mais favorecidos. Aqui a fragmentação social está representada por uma crescente diferença entre as escolas. Prevalece a institucionalização, marcada por muitos compromissos extra-classe, como atividades de voluntariado e normas muito

rígidas. *“Las tradiciones reflejan una fuerte influencia del pasado sobre el presente”* (p. 81). Geralmente, são escolas que gozam de muito prestígio social, onde estudaram celebridades do meio político, artístico e científico. Nessas instituições, visa-se a uma cosmovisão mais ampla dos alunos, favorecendo o aprendizado de outros idiomas e de outras culturas, através de intercâmbios e de experiências em outros países. Para essas escolas, essas práticas se constituem numa forte experiência de socialização. São escolas que pregam uma conduta muito rigorosa. Para isto, muitas delas têm seus conselhos de convivência, cuja finalidade é avaliar os casos de indisciplina e propor soluções para os mesmos.

Os cenários futuros desenhados pelos jovens se assemelha muito àqueles sonhados por seus pais e pelos diretores das instituições de ensino, onde estudam. O futuro pode se basear, numa visão *“estrechamente relacionado con las capacidades individuales, y el saber tiene un valor central para el despliegue de la propia estrategia”* (p. 93). As atividades filantrópicas partem do princípio de que os outros são necessitados e não visam em si a uma transformação social. Acaba sendo uma promoção desses mesmos jovens e das próprias instituições de ensino. Qual seria em toda esta realidade de fragmentação social o sentido da escola? Para responder e apontar caminhos para esta questão, Guilhermina Tiramonti e Analía Minteguiga, no

capítulo 4, enfocam esses questionamentos. Elas caracterizam a escola vivendo uma “*desfuncionalización*” (p. 100). Ou seja, a crescente modernização e o aparato tecnológico a que a sociedade, hoje, tem acesso criou uma crise de identidade no que diz respeito às funções sociais das instituições, inclusive nas instituições de ensino. A sociedade em redes questiona o papel das escolas como ambientes de normalização e de transmissão cultural para os jovens. Há outros meios em que isto se faz possível e, até, com mais rapidez. Na pesquisa se constatou que, pais e professores, vêem a escola como um espaço de aprendizagem e de socialização. Nas escolas denominadas escolas de elite, há uma preocupação muito grande com a tradição, fazendo ampla referência às grandes personalidades que passaram por estas instituições no passado. “*Lo que da sentido a la escolarización es su capacidad de producir diferencia*” (p. 109). A relação família e escola apresenta muitas rupturas. Os professores apontam o pouco interesse das famílias pelas escolas e pelos estudos de seus filhos. As alterações sociais ocorridas nos ambientes familiares, principalmente nas famílias de classes média e alta, criaram uma forma de relacionamento mais horizontal, num enfoque mais afetivo e emotivo, e conduziu a uma falta de disciplina dos estudantes diante das autoridades escolares. Chega-se à conclusão de que a variedade de percepções quanto ao sentido da escola, “*revela la coexistencia de diferentes pa-*

trones de regulación y control que se articulan, por un lado, con una mayor presencia del mercado como organizador social que se expresa mediante la diferenciación y desigualación y, por otro, con los cambios en la organización familiar, en la división del trabajo y en las estrategias de articulación de los sectores sociales a esta nueva cartografía”. (p. 116)

Mariela Arroyo analisa qual a relação da escola com um projeto comum. Há uma predominância, atualmente, dos espaços privados sobre os espaços públicos. Pois a visão de público se restringia à visão do Estado. Com a crise da função do Estado, caíram muito o conceito e a importância dos espaços e projetos públicos. É preciso perguntar como a escola contribui para atitudes de solidariedade, justiça social e a participação política. As respostas dos diretores pesquisados apontam o conhecimento como o fundamental para a formação dos estudantes, uma vez que ele contém o potencial político e as ferramentas necessárias para a transformação social. “*Es decir, la inclusión en la sociedad parece pasar más por el mercado laboral que por el espacio público, y la escuela debe, básicamente, darles a los alumnos herramientas para conseguir un trabajo*” (p. 129). A falta de trabalho cria um sentimento de inutilidade social, no conceito de Castel, “*desafiliación social*” (p. 129). Para os alunos de classes mais elevadas o futuro é delineado como a possibilidade de realização

peçoal no trabalho, em termos vocacionais. Para os estudantes de classes mais pobres a perspectiva é de no futuro ter um trabalho mais voltado para as necessidades econômicas. A maioria dos jovens pensa em casar e ter filhos, apesar do grande número de divórcios que se constata atualmente. Tem-se a tendência a atribuir ao Estado a responsabilidade pelas questões sociais. Pode-se ressaltar que na hora de pensar a integração social, a cidadania não aparece como aspecto fundamental. Projeta-se um futuro enfocando mais a família e o trabalho. Em outras palavras, dá-se destaque para as questões mais diretamente envolvidas com o espaço privado da vida, em detrimento do público. Pois, para a autora, parece ser óbvio, que, se na sociedade não há um ponto de unidade, *“la escuela sólo forme a sus alumnos para competir en el mercado, para que se autorrealicen en diversos ámbitos, excluyendo el espacio público”* (p.141).

No penúltimo capítulo, Nadina Poliak, faz uma leitura das pesquisas realizadas para avaliar as *“Reconfiguraciones recientes en la educación media”* (p. 148). Há que se voltar à preocupação educacional para a formação de uma nova nação, mais centrada nas questões sociais e humanitárias, abrir-se a novos espaços. *“Hoy, ‘el sistema escolar ha variado su función uniformizadora para tomar un rol protagónico en la producción de fronteras culturales’”* (p. 153). O trabalho dos professores encontra-se fragmentado, refletindo a sociedade

fragmentada. Nas escolas privadas faz-se uma seleção rigorosa dos professores que nelas atuam. Nas escolas confessionais constatou-se uma estreiteza maior com relação ao envolvimento com a filosofia da escola e participação em seus eventos. De modo geral, os professores continuam acreditando em sua prática pedagógica. Os professores ainda acreditam na força de seu trabalho como forma de transformação social. E o mais importante: *“no es posible pensar en una recuperación de lo común sin pensar en la escuela”* (p. 182).

No último capítulo, Valeria Garrote, encerra a obra abordando o tema *“Sujetos y espacios: irse del país como proyecto de futuro”*, onde ela analisa a migração de jovens para países mais desenvolvidos, em busca de novo futuro e coloca a questão dos que ficam e tentam buscar melhorias em seu próprio país. Para os que partem em busca de outras alternativas, verifica-se um predomínio do individual sobre o social. Há também uma descrença na garantia de um futuro melhor, o que leva à migração para uma outra cultura. Muitos dos jovens expressam um desejo de recomeçar a vida em outras terras, aprender um novo idioma, criar novos laços. Outros, após ganharem dinheiro suficiente para uma vida melhor, desejam voltar para seu país, casar e ter filhos. Muitos têm medo de não ter trabalho: *“La desocupación es la principal variable de continuidad”* (p. 215). Ao mesmo tempo que a emigração é a busca de um trabalho, ela é também uma escolha de vida (cf. p.220). Na capaci-

dade de eleger uma modalidade de vida, está uma das razões mais importantes para a migração. Ela antecede às questões econômicas, pois torna possível ao jovem ser protagonista de sua própria história. Pois tão bem expressa a autora: *“Las formas que el sujeto construye la trama de su propia vida, así como su personaje, convierten el relato en eje modelizador de la propia experiencia que transcurre con otros”* (p. 230).

A sociedade vive uma fragmentação muito grande atualmente. Ela também se reflete na escola fazendo com que a escola vá perdendo seu potencial transformador das relações sociais. A partir da leitura desta obra, tem-se a visão dos diversos fatores que envolvem estas desigualdades sociais e em que níveis elas atingem as relações escolares. É urgente resgatar a dimensão social da escola, recuperando a preocupação com os espaços públicos da vida e a educação para os valores e a cidadania. Precisa criar espaços de formação política para os educadores, para que sejam verdadeiros formadores das novas gerações. Somente uma escola comprometida com a justiça social será capaz de superar os desafios atuais. Essa obra, organizada por Guilhermina Tiramonti, merece ser lida e refletida por todos os que têm uma preocupação voltada com a formação de pessoas humanas integradas e integradoras, na perspectiva do outro, num enfoque mais social que individual. Somente assim se poderá vencer o medo e a insegurança diante do futu-

ro: compreender as tramas da desigualdade educativa para nela intervir com seriedade e dedicação, com uma ação pedagógica fundamentada nos valores da solidariedade e da ética.

Na sociedade brasileira também se reflete a crise da fragmentação social e suas conseqüências. O Estado sofre uma crise de credibilidade e os jovens não manifestam mais os compromissos e ideais políticos de outrora. Muitos professores se sentem desmotivados ante uma política educacional defasada, com baixos salários e poucos incentivos para o magistério. Há um hiato grande entre a qualidade de ensino das instituições privadas e as instituições estatais. Aos alunos das classes média e alta, com condições de pagar pelo ensino particular, surgem oportunidades de um futuro mais promissor na educação superior e no exercício profissional, uma vez que possuem uma formação básica de mais qualidade. Aos alunos mais pobres, a quem cabe apenas a oferta de um ensino público, em parte, desmantelado, restam poucas oportunidades quanto à continuidade de seus estudos, em nível superior. Esses terão, muitas vezes, que arcar com os custos de uma instituição de educação superior privada, em cursos noturnos, conciliando trabalho e estudos. Compete a toda a sociedade lutar por melhores condições de estudo, por uma educação encarnada na realidade sócio-política brasileira e por um plano de valorização dos profissionais da educação. Esse é um compromisso de todo cidadão e cidadã que acreditam num futuro melhor para todos.